

DESPEDIDA DE VITAL

Lua cheia... Na choça a que se apega,
Morre Vital, velhinho, olhando o morro...
Por prece, escuta a arenga do cachorro,
Ganindo nas touceiras da macega.

Pobre amigo!... Agoniza sem socorro,
Chora lembrando o milho na moega...
Oitenta anos de lágrimas carrega
Na carcaça jogada ao chão sem forro.

Suando, enxerga um moço na soleira.
— “Eu sou leproso...” — avisa em voz rasteira,
Mas diz o moço, envolto em luz dourada:

— “Vital, eu sou Jesus! Venha comigo!...”
E o velho sai das chagas de mendigo
Para um carro de estrelas da alvorada.

Frases do jazigo escuro:

— Jaz aqui Gil de Muquém.
Era tão puro, tão puro,
Que não viveu com ninguém.

Li num sepulcro de pedra:
— Aqui jaz Maria Gaza.
Era mendiga na rua,
Com cinco milhões em casa.

Paixão que vem de outras vidas
Pede cuidado a quem ama.
Brasa guardada na cinza,
Soprada, crepita em chama.

Reencarnação!... Vejo agora
O suplício de João Nava...
Renasceu filho da nora,
Mulher que ele detestava.

A MENSAGEM E A RESPOSTA

Dava dó ver o Sítio do Espigão!
O velho dono, o Nico do Norato,
Desanimou de chão; tudo sem trato,
Só carrapicho e mancha de pulgão.

Um dia, a fome veio de arrastão
E o povo aflito, andando pelo mato,
Começou a comer carne de gato
Refogada no sumo de picão.

O patrão foi à prece... Pediu passes,
Um guia aconselhou por João de Casses:
— “Meus filhos, o trabalho é o nosso bem.”

Mas Nico disse irado: — “Acaba isso!
Nós pedimos socorro e não serviço...
Ninguém aqui é burro de ninguém!”